



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Reverberações da migração AM - FM: sobre a função social do rádio local, desertos de notícia e zonas de silêncio¹

Reverberations of AM - FM migration: about the social roles of the local radio, deserts of news and zones of silence

Rafael Ferreira Medeiros
Nair Prata

Palavras-chave: migração; rádio local; função social do rádio; zonas de silêncio.

O Processo de migração do rádio AM para FM

Durante sua história o rádio passou por diversas mudanças estabelecidas a partir do desenvolvimento tecnológico, de determinações da legislação ou da própria percepção de transformação do público. Em referência ao processo constante de transformação midiática, Fidler (1997) utiliza o termo midiamorfose para pensar esses fenômenos como a adaptação do sistema de comunicação às mudanças tecnológicas, considerando que novos meios surgem a partir da metamorfose de meios antigos e que “quando emergem novas formas de meios de comunicação, as antigas geralmente não deixam de existir, mas continuam evoluindo e se adaptando” (FIDLER, 1997, p. 57).

Em 2013 o Governo Federal oficializou o processo de migração de emissoras AM para FM, uma grande mudança que tem transformado diferentes esferas da radiodifusão brasileira de maneira abrangente em todos os âmbitos considerados por

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Ferraretto e Kischinhevsky (2010) e especialmente na estrutura das emissoras migrantes.

Os principais motivos apontados na época pelo Ministério das Comunicações para a migração são ligados à melhora da qualidade do som, menor interferência no sinal e a possibilidade da sintonia via dispositivos móveis, que suportam apenas a faixa FM. Além disso, fatores econômicos também podem ser apontados como motivação para o início desse processo, uma vez que as emissoras AM vinham sofrendo com a queda de anunciantes e os canais liberados por essas emissoras poderão ser usados por empresas de telefonia.

As mudanças na estrutura das emissoras AM representam um pedido antigo dos radiodifusores, após longo período de desvalorização desse modelo radiofônico por fatores como falta de interesse do Governo, mudanças tecnológicas que beneficiaram apenas a Frequência Modulada e concorrência por anunciantes que foi ampliada pelas redes digitais e pelo advento de novos dispositivos. Os investimentos no sistema de TV digital fizeram acirrar ainda mais essas reivindicações dos donos de rádio, ao passo que a digitalização das emissoras de TV representou uma possibilidade para essa mudança preterida no sistema brasileiro de radiodifusão.

O processo começou efetivamente a ocorrer em 2010, quando a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) publicou um estudo realizado no estado de Santa Catarina sobre a exequibilidade técnica da migração do rádio AM para a faixa de FM a partir do uso dos canais desocupados pelas emissoras de TV que passaram para o digital. O relatório justifica que

Dentre todas as destinações possíveis, a expansão da faixa de FM é a que traz o melhor conjunto de benefícios, tanto quanto ao uso eficiente e racional do espectro de radiofrequências eletromagnéticas, quanto ao acesso da população brasileira a um meio de comunicação social eletrônica que tem fundamental importância na distribuição de informações e da cultura nacional e regional (AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES, 2010, p. 31).



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Além disso, os estudos iniciais da Anatel concluem que a migração das emissoras AM para FM se transforma em uma alternativa importante para descongestionar o espectro nos grandes centros urbanos e que a Frequência Modulada representa uma faixa “adequada aos serviços de radiodifusão, plena, livre e sem impacto negativo na planta de serviços instalada” (AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES, 2010, p. 30). É preciso relativizar esses estudos enquanto amostra técnica, entendendo a Agência Nacional de Telecomunicações como um órgão governamental e, como tal, atende aos interesses do Governo nesse processo. Os dados apresentados são relevantes e marcaram o início do fenômeno, mas não se pode desconsiderar a importância das emissoras em Amplitude Modulada para muitas comunidades que, após o desligamento do sinal AM, ficarão sem cobertura de rádio.

Uma preocupação que se tem quanto ao processo de migração é a redução da área de cobertura das emissoras depois da ida para a faixa de FM. O estudo inicial da ABERT (2010) sobre a viabilidade da migração considera acertadamente que as emissoras brasileiras em AM atualmente não têm mais um caráter expansivo, elas não mais transbordam para outros estados e menos ainda para outros países; pelo contrário, elas se voltam para suas localidades tanto em cobertura quanto na formatação de suas programações. É preciso, porém, relativizar esses dados quando se pensa em um país de tamanho continental como o Brasil, com múltiplas representações sociais e geográficas. Muitas localidades no país não têm acesso a sinal de televisão ou de telefone, para as populações desses lugares o único meio de informação é o rádio AM. Dessa maneira, a drástica diminuição do alcance como efeito colateral do processo de migração das rádios para FM prejudica “justamente o público mais dependente desse modelo: as populações das pequenas cidades, campo, sertões e florestas. Ou seja, mais convergência e menos abrangência” (BERTOLOTTO, 2018, s.p).



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Para além dos fatores técnicos do processo de migração, pensando na função social que as emissoras AM desempenham e considerando o fenômeno como um todo, em sua importância e magnitude, a pesquisadora Daniela Ota, citada por Bertolotto (2018), destaca que “nas rádios pantaneiras ainda tem o tradicional programa de recados. Pessoas avisando que vão chegar de viagem, quem morreu, quem nasceu. O rádio é essencial ali, e a mudança para a FM vai prejudicar essa população” (OTA *apud* BERTOLOTTI, 2018, s.p).

Sobre desertos de notícia e zonas de silêncio

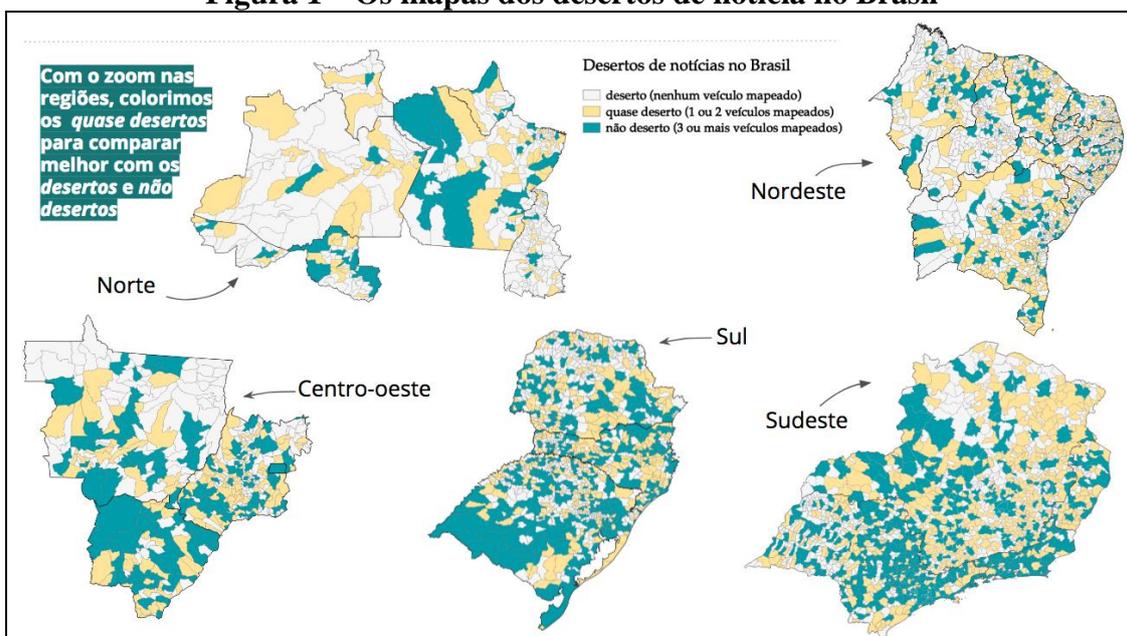
É pertinente nesse momento expor que existem diversos desertos de notícia no Brasil, isto é, municípios que não contam com sequer um meio jornalístico local. Pesquisa² realizada em 2018 pelo Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (ProJor), mantenedor do Observatório da Imprensa, mapeou cerca de doze mil veículos de comunicação e constatou que 15% da população nacional “vivem em desertos de notícia – municípios sem a presença registrada de veículos jornalísticos locais, como jornais, sites noticiosos, emissoras de TV e rádios” (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2018). No mapa a seguir (Figura 1), que representa onde estão localizados os desertos de notícias no Brasil, é possível verificar que essa circunstância é aprofundada nas regiões Norte e Nordeste embora esteja presente em outras regiões do país.

² Chamada de Atlas da Notícia, a pesquisa tem o objetivo de mapear veículos produtores de notícias no Brasil, com olhar prioritário para o jornalismo local. A metodologia se baseia na contabilização e localização de veículos de notícia no Brasil, através de levantamento próprio e de outros institutos, incluindo o IBGE e MCTIC.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Figura 1 – Os mapas dos desertos de notícia no Brasil



Fonte: Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (2018).

Esse fenômeno negativo é referenciado considerando a radiodifusão sonora como zonas de silêncio, lugares que não têm acesso a nenhuma emissora de rádio. A preocupação com esse provável “efeito colateral” do processo de migração é bastante pertinente porque o rádio segue sendo a única fonte de informação para muitas pessoas nos interiores do Brasil. Dessa forma, outro fator importante que precisa ser considerado é que a pesquisa foi realizada utilizando dados de 2017, ou seja, as zonas de silêncio podem ser amplificadas com o processo de migração das rádios, já que a abrangência das emissoras FM é menor.

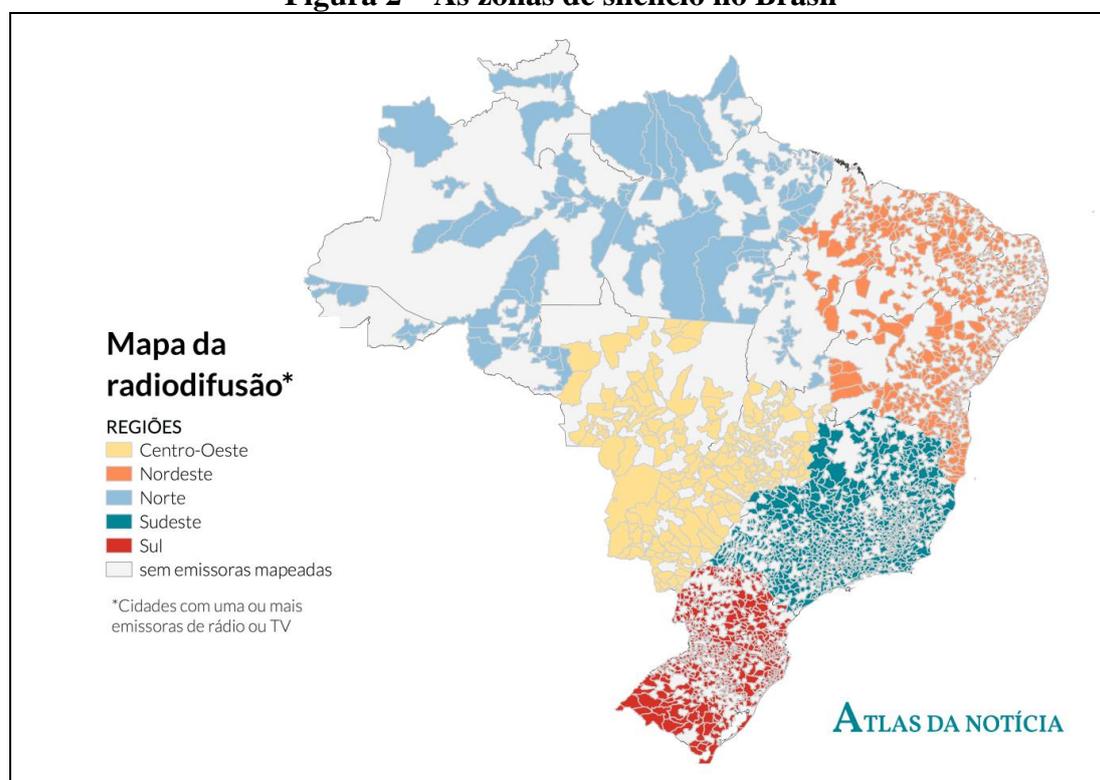
A figura seguinte (Figura 2), específica do mapeamento da radiodifusão, mostra que as zonas de silêncio também se localizam na faixa norte do Brasil. Os dados da



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

pesquisa, quando abertos, mostram que cerca de 50 milhões de habitantes não têm acesso a emissoras de radiodifusão locais, porém é possível inferir que muitas dessas cidades são abrangidas por rádios de municípios fronteiriços³.

Figura 2 – As zonas de silêncio no Brasil



Fonte: Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (2018).

Considerando que desde a sua popularização o rádio sempre foi o meio de comunicação mais abrangente em todo o país, tendo a possibilidade de chegar a

³ O objeto empírico da pesquisa originária deste artigo, Rádio Itatiaia de Ouro Preto, interior de Minas Gerais, abrange 28 municípios ao redor com o sinal em AM. Após a migração, o sinal em FM da emissora deverá atingir apenas a sede do município, deixando até mesmo alguns distritos sem cobertura.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

comunidades onde nenhuma outra modalidade midiática consegue acessar, as zonas de silêncio são menores que os desertos de notícia, mas mesmo assim os dados divulgados pela pesquisa com foco em radiodifusão mostram que 25% dos brasileiros não têm acesso a emissoras de rádio ou televisão. “Os municípios do norte e nordeste têm o pior cenário em relação a cobertura regional: até 70% das cidades do norte do país estão em desertos de notícias, enquanto no Sudeste o índice cai para 38%” (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2018).

O processo de migração tem submetido às emissoras AM uma nova conformação. As dimensões do local agem nesse processo legitimando as características do rádio AM que há anos está presente no dia a dia das pessoas. A pesquisadora Sônia Virgínia Moreira valida o estudo com base em múltiplas associações considerando que “a observação dos sistemas de mídia e de telecomunicações é determinante para a análise das várias camadas de contextos – geográfico, midiático cultural, econômico, político, identitário – que compõem o processo contemporâneo da comunicação (MOREIRA, 2012, p. 16). Dessa forma, as especificidades do rádio local são tratadas nas próximas linhas a partir de referenciais que explorem a multiplicidade de contextos e conexões que o local presume, sejam aspectos geográficos, culturais, sociológicos e até mesmo tecnicistas.

Ao tratar do rádio no contexto local, a investigação flexiona diferentes dinâmicas que convergem para o campo comunicacional, buscando em alguma medida as representações cotidianas que constroem as características das sociabilidades do local ligadas “às formas de pensar intercambiáveis, aos *ethos*, valores significados contidos de coisas, palavras, gestos, comportamentos e ideias” (PESAVENTO, 2006, p. 36). Todas essas esferas repercutem nas formas da mídia local, engendradas na rotina da cidade e indissociáveis das relações sociais cotidianas.

O artigo se desdobra de uma pesquisa de recepção realizada entre ouvintes de uma rádio local de Ouro Preto, Minas Gerais, com o objetivo de identificar possíveis



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

mudanças nas experiências de escuta e produção de sentidos a partir do processo de migração da emissora para FM. O estudo aqui proposto busca flexionar questões referentes à função social do rádio local para as comunidades interioranas e as inseguranças trazidas pelo processo de migração, que pode amplificar as chamadas zonas de silêncio e, por conseguinte, os desertos de notícia no Brasil.

Referências bibliográficas

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. **A extensão da faixa de FM (eFM) e a migração da faixa de OM: O quê fazer com os canais 5 e 6 da televisão na era digital.** Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.anatel.gov.br/Portal/verificaDocumentos/documento.asp?numeroPublicacao=244137>. Acesso em: 28 ago. 2018.

BERTOLOTTO, Rodrigo; GERAB, Marcelo. **País sem sintonia:** depois de integrar o Brasil por décadas, o rádio vive mudanças que podem provocar o efeito contrário. UOL, 2018. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/radio/#pais-sem-sintonia>. Acesso em: 29 ago. 2018.

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. **Revista Famecos**, v. 17, n. 3, set.-dez. 2010.

FIDLER, Roger. **Mediamorphosis** – understanding new media. California: Pine Forge Press, 1997.

INSTITUTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO JORNALISMO. **Atlas da Notícia:** Mapeando o jornalismo local no Brasil. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/>. Acesso em: 12 jan. 2019.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Por que Geografias, no plural, para a comunicação? *In*: MOREIRA, Sônia Virgínia (org.). **Geografias da comunicação:** espaço de observação de mídia e de culturas. São Paulo: Intercom, 2012.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. 30% dos municípios brasileiros correm o risco de virar desertos de notícias. *In: Atlas da Notícia 2.0: Todas as mídias no novo levantamento.* Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/atlas-da-noticia-2-0/30-dos-municipios-brasileiros-correm-o-risco-de- virar-desertos-de-noticias/>. Acesso em: 12 jan. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras culturais em um mundo planetário - paradoxos da(s) identidade(s) sul-latino-americana(s). **Revista del CESLA**, n. 8, p. 9-19, jan. 2006. Disponível em: <http://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/228>. Acesso em: 01 jan. 2019.